



O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA

Órgão Oficial de Igreja Lusitana

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Redactores — J. SOARES CARVALHO — R. S. Domingos à Lapa, 117-c/v — Lisboa
A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto

Administrador — JOAQUIM DE PINA CABRAL — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

HUMILDADE

NAS mensagens anteriores me referi à Paz que Jesus nos legou como tesouro inapreciável, não para o enterrarmos, mas para o multiplicarmos, e à necessidade de cuidadosa vigilância em defender-nos das ciladas do inimigo comum, sendo fervorosos em oração para que não nos falte o indispensável amparo de Deus que nos ajude e defenda.

Referir-me-ei agora à HUMILDADE como outra atitude indispensável a uma vida religiosa com exemplo cristão e que na sua prática, por si mesma, anuncia amor, promove paz e revela fervor espiritual.

Três vezes Jesus claramente, e empregando quase as mesmas palavras, acentuou que aquele que se exalta será humilhado e aquele que se humilha será exaltado.

Uma vez a propósito do orgulho e procedimento dos escribas e fariseus que pretendiam superiorizar-se aos outros (S. Mateus, XXIII, 1 a 12); outra quando sentado à mesa de um dos principais entre os fariseus observava como alguns escolhiam os primeiros lugares (S. Lucas, XIV, 7 a 11); e, ainda, outra como complemento da lição da Parábola do fariseu e do publicano que subiram ao templo para orarem, a propósito dos que confiando em si mesmos porque se consideram justos, desprezam os outros (S. Lucas, XVIII, 9 a 14).

As nossas atitudes marcam na prática da vida aquilo que somos e valem. Uma atitude de nobreza e honra ou de falsidade e desonra, altera completamente o conceito em que somos considerados pelos homens que nos observam, para bem ou para mal.

Porém, uma atitude humilde sem fingimento, sem sentimentos de amor, de perdão e de fé cristã, sempre nos exalta aos olhos de Deus e quase sempre no conceito dos homens justos e bons.

Humildade nunca é humilhação no sentido pejorativo em que tantas vezes é considerada, mas virtude de paciência e compreensão cristã.

Humildade é antónimo de orgulho e este é condenável numa vida cristã. Deus ama a humildade e condena o orgulho.

A humildade é necessária ao Serviço de Deus (Miqueas, VI, 8) e aqueles que a praticam são bem-aventurados (Prov. XVI, 18 e 19).

Sei bem quão difícil é ser humilde, mas também sei quanto é bom sê-lo, para nós e para os outros. Para nós, evitando temores desnecessários, para os outros como uma lição silenciosa de amor e paciência e a vida cristã torna-se mais perfeita quando paciente e sofredora com humildade. Este foi o exemplo de Jesus no Seu Ministério entre os homens. Mesmo quando expulsou os vendilhões da Casa de Seu Pai ou quando ásperamente se referiu aos fariseus, não deixou de ser humilde para ser justo.

Sejamos, pois, humildes aprendendo no exemplo e nas lições de Jesus a humildade que exalta.

PRUDENTES COMO AS SERPENTES E SIMPLES COMO AS POMBAS (S. Mat. X, 16).

António Fiandor

BISPO

Actividades Episcopais

No dia 25 de Abril o Rev.^m Bispo Fiandor inaugurou, com um serviço litúrgico apropriado, a nova residência do nosso irmão na fé e leitor leigo da Ig. Lusitana, Joaquim Pereira de Pina Cabral. Também assistiu o Pároco da Igreja de S. João Evangelista.

No dia 7 de Maio, assistiu ao culto comemorativo da Ascensão do Senhor na Igreja de S. João Evangelista. O coro da Igreja deu a sua valiosa colaboração a este culto.

No dia 9 de Maio, presidiu à sessão de aniversário do LVI aniversário da Liga de E. C. de Gaia, tendo-lhe sido concedida a honra de ser nomeado Presidente Honorário da Direcção da Liga.

No dia 10 de Maio, deu a honra da sua presença à Festa das Mães realizada no Salão às 16 horas, tendo proferido algumas palavras sobre o amor de mãe, que a todos comoveram.

Do dia 14 a 26 de Maio, esteve, com sua ex.^{ma} esposa, a descansar em Lisboa onde tratou também de alguns assuntos de interesse para a Igreja Lusitana.

No dia 22 de Junho, realizou-se às 10.30 h. um culto de Sagrada Comunhão para comemorar o 1.º aniversário da sagração do Bispo da Igreja Lusitana D. António F. Fiandor. O Rev. Arbiol evocou em breves palavras a alegria desse dia e o privilégio concedido à Igreja Lusitana.

No dia 26 de Julho, visitou a Missão de S. Tiago Apóstolo, em Valbom, Concelho de Gondomar a qual está anexa à Igreja de S. João Evangelista e na qual no dia anterior se tinha celebrado um culto em comemoração deste Santo Mártir. Foi um dia de grande bênção e regozijo para os crentes da Missão que, ainda que poucos, dão bom testemunho de fé e perseverança no Evangelho.

(Cont. pág. 6)

NOTAS E COMENTÁRIOS

A Igreja Lusitana na comunidade das denominações

No nosso número do Domingo da Trindade, neste mesmo lugar, dizíamos o que pensávamos sobre vários problemas que interessam os membros da Igreja Lusitana.

Sobre a magna e importante questão da unidade religiosa podemos dizer também que a Igreja Lusitana tem pugnado por uma maior compreensão das diferentes denominações protestantes. Por isso vemos-na representada em todas as manifestações colectivas numa forma activa e cooperadora e mantido sempre o sentimento eclésico de sermos Um em Cristo Jesus.

Neste sentimento temos defendido a ideia de que, primeiro que tudo, devemos conhecer-nos a nós próprios e termos a consciência do que somos e porque combatemos. E o mesmo achamos, deviam fazer todas as denominações.

Porque é que, por exemplo, em Portugal, um País que possui uma minoria bastante reduzida de evangélicos, há cerca de 11 denominações? (1) Será esta a melhor forma de nos opormos ao Romanismo da Igreja dominante? Será esta a melhor maneira de inspirarmos confiança ao povo português que anseia por conhecer a Cristo na pureza do seu Evangelho? Teremos obtido êxito nesta desunião, com a teórica afirmação de que o que interessa é a união espiritual?

(1) Ver em outro lugar deste Boletim a relação das várias denominações em Portugal.

União espiritual

Certamente não há cristão que não sinta que a chave do Reino de Deus que buscamos está na união íntima da Igreja Militante, na união entre todos os seus combatentes e entre estes e Cristo, num corpo só. E' pois uma verdade assente sem hesitação alguma, um axioma identificado com a própria crença. O falarmos da união espiritual com tanta insistência a propósito da união das Igrejas e que ela por si só basta, não será iludir e camuflar a vergonha da nossa desunião, da nossa falta de fé, da nossa falta de espiritualidade?

Não será esta insistência o mesmo que dizer, perante as lutas dos séculos por um melhor conceito da sociedade, que de nada isto valeu, porque o que interessa é a saúde e o bem estar do indivíduo, como se este objectivo não fosse o princípio e o fim de todo o esforço do homem na melhoria das suas condições de vida!

Assim é com o esforço da Igreja por uma mais íntima unidade. Se o objectivo a atingir não for uma união espiritual mais forte e mais perfeita, partindo dum desejo sincero e vivo dessa união e começando por ela, de nada serviria todo este movimento ecuménico, este anseio de todas as denominações em se encontrarem, em se entenderem, em procurarem as razões comuns que convergem numa única direcção, Cristo Jesus e a Sua Igreja.

Podemos dizer, portanto, que a união espiritual está pois no princípio e no fim de todo o espaço ecuménico entre a cristandade dividida.

Unidade da Igreja

Quando em Londres, numa polémica ao ar livre, em Hyde Park, com um padre romano defendíamos as nossas divisões com o «facto» da nossa união espiritual, o padre romano numa tirada que nos emudeceu, replicou-nos: «Se os senhores estivessem unidos espiritualmente, também por consequência natural, estaríamos unidos numa mesma Igreja. O que faz os homens não se entenderem é o seu orgulho, as suas lutas mesquinhas entre si sem objectivo elevado, é o seu individualismo. E é isto meus senhores (dirigindo-se à multidão que o escutava) o que o protestantismo é: uma mescla de atitudes egoístas e exclusivistas».

Certamente a dureza e a generalização da frase, ainda que no fundo tocasse na questão, chocaram-nos por ser, num sentido geral, injusto. Sabemos do esforço enorme que existe em todas as facções evangélicas e numa boa maioria dos seus membros, por uma melhor compreensão dos seus irmãos doutras Igrejas, por um conhecimento mais completo das posições de cada um. Nunca houve no mundo protestante tanto entusiasmo pelos movimentos ecuménicos, por um arranque comum no testemunho da sua Fé.

Todo o Evangelho mostra bem uma união em corpo dos que ajoelham perante Cristo. «Pai nosso que estás nos Céus», «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome», «Que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim e Eu em Ti» são frases que mostram bem a unidade entre os irmãos dum mesmo Pai, o nosso Pai, que está entre os seus filhos quando eles oram, e que deseja uma identidade tão grande entre eles como aquela que existe entre Deus e o seu filho bem Amado. De maneira alguma isto implica na realidade a existência de muros que dividam a Igreja, por mais pequenos que eles possam ser. Os muros revelam o fundo material das nossas almas, a cizânia que nos separa.

Procuramos pois uma cooperação mais intensa, um maior Amor entre todos, uma forte união espiritual, cuja ausência é o sintoma mais flagrante, patognomónico da nossa falta de Fé. Se o fizermos, sentiremos cada vez mais a necessidade de acabarmos com as barreiras que nos separam, e nos separam mesmo, e de nos vermos dentro da mesma Igreja, aquela que Cristo nos legou e que a própria Bíblia assemelha à sua Esposa, e que é a mesma para todas as raças, para todos os povos, para todo o género humano, Una, Santa, Católica e Apostólica.

Sentimos que a maioridade espiritual, a que o mundo aspira, só poderá ser atingida depois de realizada a unidade da Igreja. Ou pensam alguns que, tal como estamos, divididos, poderemos atingi-la? Certamente o tempo necessário para essa unidade estará em função da nossa perseverança, da nossa Fé, em jejum, e em oração.

Unidade e Uniformidade

Unidade da Igreja, hoje, não significa uniformidade absoluta de forma e de pensamento, mas sim, ligação dos diferentes ramos do Cristianismo numa mesma orgânica, ainda que salvaguardando as liberdades nacionais e tradicionais de cada povo. Mais talvez uma comunhão de Igrejas Nacionais, dentro dos mesmos princípios católicos e apostólicos, orientada por concílios, onde leigos e clérigos estejam representados e onde em qualquer parte do globo, seja onde for, seja com que raça for, seja em que tempo for, nos sintamos combatendo em unísono pela mesma Fé, uma vez dada aos Santos da Igreja.

Por isso, supomos poder já antever a unidade da Igreja com confiança, dentro duma tolerância e liberdade espiritual, e não num absolutismo religioso, nem enfiados sob uma uniformidade de regras e de formas regidas que não está em relação com o sentir humano de perfeição e de evolução, ainda que pela Liturgia e pelo Episcopado se forma um elo que no tempo e no espaço nos mantenha ajoelhados, juntos como irmãos do mesmo Pai.

Ainda há alguns anos o arcebispo da Cantuária, como já nos referimos em notas anteriores, no sentido de procurar uma unidade, que não uniformidade, ofereceu às Igrejas «não conformistas» o Episcopado de forma a uni-las no sentido apostólico. Se a sua sugestão tivesse sido aceite teríamos uma Igreja Baptista Episcopal, uma Igreja Presbiteriana Episcopal, etc., etc. Eis aqui um exemplo da evolução das ideias e como presentemente, pelos grandes homens da Cristandade, se encara a UNIDADE DA IGREJA.

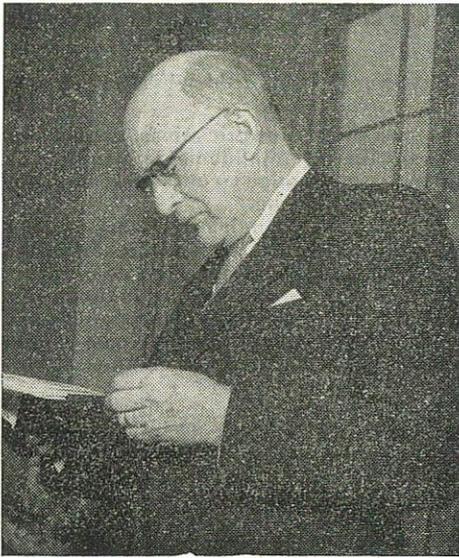
A Igreja e o Bezerro de Ouro

Não confundamos a Igreja com os males que nela se introduziram, idolos que o povo adorou sob a forma de absolutismo, de intolerância, de fanatismo, de superstição e de exclusivismo, e que a Reforma, iniciada pelos filhos mais dilectos da Igreja, denunciou, procurando destruí-los, pregando o Evangelho ao povo, e abrindo de par em par a Bíblia.

O mal, o verdadeiro mal portanto que se introduziu na Igreja foi terem fechado o coração a Cristo, terem-se desviado do caminho de Deus e adorado, como os israelitas no deserto, o bezerro de ouro das suas paixões, do seu individualismo orgulhoso de classe dominante.

Conselho Mundial das Igrejas

O Conselho Mundial das Igrejas procura intensificar a união espiritual em todo o mundo cristão, aproximando as Igrejas de todas as regiões da Terra, de todas as raças, de todos os credos cristãos. Tarefa de inspiração divina, realizada por homens inteiramente dedicados à obra de Deus. Temos vivido alguns momentos gloriosos da nossa vida, ao fazermos parte de algumas



Sir Kenneth Grubb

Visitou-nos em Maio deste ano, uma figura destacada do movimento cristão mundial, Sir Kenneth Grubb, e pena foi que não houvesse possibilidades de o pôr mais em contacto com o povo evangélico. Presentemente é o presidente da Comissão Inter-Igrejas Para Os Assuntos Internacionais. Fazem parte desta comissão a Aliança Mundial das Associações Cristãs, o Conselho Mundial de Educação Cristã e das Escolas Dominicais, a Federação Mundial da Associação Cristã de Estudantes, e a Aliança Mundial das Uniões Cristãs Femininas.

Sir Kenneth Grubb começou o seu trabalho no Brasil como missionário entre as tribos índias da bacia do Amazonas. A seguir fez parte da «World Dominion Press», organismo que ainda hoje se dedica ao estudo das áreas do mundo ainda não evangelizadas e ao auxílio das Igrejas Cristãs recém-formadas para que se possam sustentar e governar por si próprias.

Na segunda guerra mundial fez parte do Ministério da Informação. Começando por trabalhar no departamento sul-americano, chegou depois a chefiá-lo. Tornou-se responsável em seguida pela publicidade em países estrangeiros e no outono de 1940 foi indicado para orientar toda a propaganda e publi-

(Cont. pág. 4)

O Movimento Evangélico em Portugal

Há em Portugal 11 denominações evangélicas, das quais a mais antiga é a chamada de rito Episcopal, (1839) que, em 1880, reuniu numa só Igreja, a Igreja Lusitana, Católica Apostólica Evangélica, as várias Igrejas espalhadas do mesmo rito, numa restauração da Igreja Primitiva, a Igreja Visigótica deste canto da Península que era a Lusitânia. Houve também a intenção de reunir todas as demais Igrejas evangélicas já existentes numa mesma Igreja Reformada Nacional, a qual satisfizesse o anseio dos Portugueses que em diversas alturas da nossa história (Marquês de Pombal e a Revolução Liberal) haviam esboçado a Reforma da Igreja.

As outras denominações, em ordem à data do seu início, são as seguintes: Igreja Presbiteriana (1845); Igreja Metodista (1875); «Irmãos» (de Inglaterra) (1876); Igreja Congregacional (1880); Igreja Baptista (1888); Congregação Cristã de Portugal (1924); Assembleias de Deus (Pentecostais) (1924); Acção Bíblica (originária de Genebra, Suíça) (1928); TEAM (The Alliance Mission from America) (1936); Missão da Igreja Luterana (do Brasil) (1958).

Ao todo podemos contar em Portugal Metropolitano, um total de cerca de 60000 evangélicos, 0,75% (menos que 1%) da população, dos quais 15000 são membros comungantes e os outros aderentes ou simpatizantes.

Existem 398 locais de culto e pregação, espalhados pelo continente e pelas ilhas. (Algumas destas informações foram colhidas de elementos estatísticos elaborados pelo Pastor Guido de Oliveira, Presidente da Aliança Evangélica Portuguesa).

P. A.

Tem-se a medida exacta do valor de um homem, contando o número de mediocres que se coligam para o derrubar.

Rubinstein

Os homens sempre desaprovam o que são incapazes de fazer.

Cristina da Suécia

A CRISE... é do Cristianismo

Assim o diz o signatário da carta enviada ao «Diário de Notícias» em 19 de Agosto, a propósito da «Carta do Brasil» do jornalista brasileiro Sr. M. Paulo Filho que, aquele jornal publicara em editorial da véspera.

Eis os trechos principais dessa missiva, que em nosso juízo mereceria ter chegado ao conhecimento da diátribe a que nos referimos:

«Que se pretende? Onde começa o trama de cujos fios aí aparecem as extremidades? Ouso afirmar que há muito de inconsciência e mais ainda de rancor nas origens desta intriga. E a autoridade com que o digo vem de mais de 70 anos de vida e mais de 50 de trato com o protestantismo mundial, particularmente com o brasileiro, e profundamente com o português. Por 23 anos presidi à Aliança Evangélica Portuguesa, oficializada pelos meus esforços e à lhanza e espírito brilhantemente compreensivo do Marechal Carmona, que sempre me atendeu e favoreceu com a sua valiosa recomendação, usando aquela delicadeza que ninguém lhe poderá negar. Os políticos de qualquer lado nada haviam feito de semelhante.

Quanto a «política», há 38 anos alienei quaisquer compromissos e me ocupei só daquela que Jesus Cristo chamou «do Reino dos Céus», afirmando que quando fosse levantado da terra todos atrairia a si.

Àcerca do marxismo teórico — nego as suas bases; e quanto ao prático — desprezo as suas obras. Quando no meu ministério me aparecem pessoas que «supõem» simpatizar com ele, recebo-as com amizade e procuro ganhá-las para o ideal de Aquele que morreu por nós, ideal que cimentou a Igreja com o sangue dos Mártires. Faço-o no desejo de que abandonem as ideias dos que espreitam nas trevas e se disfarçam para seduzir; e por fim matam e fogem.

Mas, cristão como sou, dum Cristianismo integral que ama todos os cristãos e busca os que o

não são para também os amar, afirmo que a crise maior de hoje em dia é do Cristianismo.

Vejamos: Para qualquer pessoa sensata, ainda que desconhecadora do que se está passando, torna-se evidente que se trata de retaliações de seitas cristãs em ridícula que-rela. Bem menos sábias que os soldados no Calvário, procuram retalhar a túnica inconsútil de Jesus Cristo. E então assiste-se a este espectáculo: os católicos tradicionalistas acusando de comunistas os católicos reformados, e os protestantes exaltados acusando de comunistas os construtores do ecumenismo... Entretanto, aquele senhor conhecido por uma letra que já não existe no alfabeto português, e cujos interesses nunca se harmonizarão com os da genuína alma portuguesa, há-de estar a rir-se, por esta série de erros, se a conhecer, e muitas outras que deste lado se praticam!

O ilustre jornalista autor da Carta do Brasil, que se apresenta como paladino duma facção protestante onde brilha o meu colega Rev. Sinésio Lyra, que no Rio conheci há anos, defende assim uma escola teológica a que costumam chamar «fundamentalista», esforçada defensora da exegese tradicional, contra as escolas mais ou menos «liberais», também chamadas inconsequentemente «modernistas». Pois não há muito, no jornal de V. Ex.ª o mesmo sr. Paulo Filho se revelava um racionalista, considerando o Velho Testamento um tecido de lendas. Protestei junto de V. Ex.ª quando li essa lamentável carta — porque eu creio na Revelação. O meu protesto caiu no vácuo, mas ficou na minha memória, assim como as palavras bíblicas: «Dois pesos e duas medidas são abomináveis para o Senhor».

Esta luta inconsiderada de cristãos de **todas** as escolas, reputa ilógica, contraproducente, insensata. Em Moscovo lá estão serenamente assistindo a este e a muitos outros erros «ocidentais».

O simpático e respeitável ancião que é hoje o Romano Pontífice ajudará tantas almas animadas de boa vontade a encontrar uma base de coexistência, não de lobo e cordeiro, mas de irmãos que sejam, não «carneiros de Panúrgio» mas «ovelhas de Cristo»?

Eduardo Moreira

Sir Kenneth Grubb Notas e Comentários

(Cont. da pág. 3)

cidade inglesa em todo o mundo, lugar que ocupou até ao fim da guerra.

Depois da guerra, Sir Kenneth tornou-se secretário geral dos conselhos Hispano e Luso-Brasileiro, com outras actividades da vida pública.

Em 1943 Sir Kenneth como homem de Igreja havia sido eleito presidente da Sociedade Missionária da Igreja Anglicana, uma das maiores organizações desta Igreja, iniciada por William Wilberforce e seus cooperadores em 1799, lugar que desde então tem sempre ocupado por reeleições sucessivas, como manda a sua constituição.

No trabalho da Igreja ocupou igualmente outras posições, como Vice Presidente Leigo da Assembleia Nacional da Igreja de Inglaterra.

Em 1948 foi organizada a Comissão Inter-Igrejas Para Os Assuntos Internacionais, como resultado da Conferência de Cantabrigia em Inglaterra, presidida pelo falecido homem público, Mr. John Foster Dulles. Sir Kenneth foi indicado para presidente desta Comissão, lugar que tem ocupado sempre. O Director desta Comissão é o Dr. O. Frederick Nolde, de Nova Iorque.

Esta Comissão é mantida justamente pelo Conselho Mundial das Igrejas e pelo Conselho Internacional das Missões. Os membros desta Comissão, na sua maioria, são pessoas de destaque, tanto na vida pública como na vida da Igreja, nos seus respectivos países. Os seus escritórios estão em Londres, Nova Iorque e Genebra e tem correspondentes e comités locais em muitos outros países. Está autorizado pelas bases da sua própria fundação a representar os seus constituintes perante as organizações internacionais tais como as Nações Unidas e Agências afins.

A Comissão está intimamente relacionada com os problemas da Guerra, da Paz e da Justiça na era atómica, como também com o desarmamento, e com toda a mudança e ajustamento pacífico. É frequentemente envolvida nas tentativas para se encontrar e interpretar toda e qualquer via de conciliação nas disputas que dividem as nações.

Tem realizado importante trabalho no campo dos direitos do ho-

(Cont. da pág. 2)

das suas diferentes iniciativas, vindo juntos, ajoelhados humildemente, grupos que anteriormente pouco confiantes uns nos outros se afastavam.

O Conselho Mundial das Igrejas não é uma super Igreja, nem pretende sê-lo. É simplesmente um conselho de cooperação das Igrejas de todo o mundo, que trabalha por uma maior união espiritual, por um maior entendimento e pelo estudo e resolução dos problemas comuns. E tantos são...

Sentimos nós que este será o caminho natural para a unidade orgânica da Igreja, que, esperamos, se fará, a pouco e pouco, à medida que for cada vez mais perfeita e íntima a união espiritual. Não são impelidos todavia a senti-lo da mesma forma que alguns de nós os membros do Conselho, que porventura se mantenham ainda na dúvida de que sejam necessários maiores empreendimentos além daqueles cujos objectivos definidos do C. M. I. se limitam à cooperação entre as Igrejas e ao auxílio espiritual e material a tantos povos cristãos necessitados. Bem hajam, todavia, estes nossos irmãos por sentirem já esse desejo de auxílio e comunhão mútua.

Que Deus abençoe este trabalho sacrosanto, e nos oriente e encaminhe na sua Santa Igreja. «Venha a nós o vosso Reino, assim na Terra como no Céu!»

Paulo Agostinho

mem e da liberdade religiosa, como por exemplo (e sem deixar de ter tido êxito) na tentativa de assegurar resoluções especiais em relação à liberdade religiosa em Documentos como A Declaração dos Direitos do Homem. Tem também estado activa em situações em que a liberdade e o direito humano têm sido negados tanto pelos Estados como por outros organismos.

A Comissão porém tem tido de exercer a sua influência tão longe quanto pode, num mais vasto campo de realizações em assuntos que até aqui têm sido de interesse especial das Igrejas. As relações raciais, os problemas dos povos que recentemente têm adquirido a sua independência, o auxílio técnico e económico a vários países, e as dificuldades sociais e políticas dos refugiados, etc., são outros tantos assuntos que a Comissão tem maneado. Tem sido este um trabalho que pede bom senso e tacto, facilidade nos contactos com os Governos e autoridades internacionais e alguma experiência de como estes assuntos têm de ser conduzidos se se quiser obter resultados em relação com o enorme esforço dispendido.

PELA IGREJA

Igreja de S. João Evangelista

Escola do Torne — Do dia 3 a 8 de Agosto, realizou-se nos terrenos da Escola do Torne, o Bazar anual para ajuda do seu sustento. Durante o Bazar esteve patente ao público uma Exposição Recordativa da Obra gloriosa do grande benemérito e fundador da Escola, Rev. Diogo Cassels. Esta Exposição foi solenemente inaugurada no dia 3 pelo Representante do Ex.^{mo} Presidente da Câmara e outras entidades oficiais e, durante a semana, foi visitada por centenas de pessoas que não poupavam elogios à iniciativa da Comissão Organizadora do Bazar. No dia 8 foi encerrada com um discurso do Ex.^{mo} Dr. Manuel Teixeira de Almeida que a assistência aplaudiu com uma prolongada salva de palmas.

Cultos especiais — Maio 7, dia da Ascensão do Senhor. — Pregou o pároco e o Coro colaborou.

Junho 22 — culto especial, com a celebração da Sagrada Comunhão, para comemorar o 1.º aniversário da Sagração do Bispo da Igreja Lusitana.

Julho 23 — culto especial para encerramento do período de actividade do Coro — Pregou Sua Ex.^a Reverendíssima e o Coro cantou uma antífona nova, «O Filho Pródigo».

Outras actividades — Maio 9 — aniversário da Liga de E. C. Entre outros números do programa, foram distribuídos os prémios aos concorrentes aos Concursos Bíblicos realizados durante o ano, actividade esta da Liga de E. C. que tem despertado grande interesse entre a juventude e tem sido muito útil.

Maio 7 — Dia das mães, com uma reunião no Salão às 16 horas. Do programa que foi encantador constou um Concurso Bíblico sobre o amor de mãe e um colóquio infantil em 1 acto e 2 quadros escrito propositalmente para este fim.

Nos dias 16 e 30 realizou-se respectivamente no Salão da União Feminina um chá íntimo e a Quermesse a favor da União.

No dia 10 de Junho realizou-se o passeio anual da Liga de E. C. à Barrinha de Esmoriz onde se realizou um Concurso Bíblico e se passou um dia delicioso.

No dia 29 de Junho foram realizados os exames dos cursos de Francês e Inglês que funcionam no Salão e constituem uma das actividades da Liga de Esforço Cristão.

No dia 7 de Julho o coro da Igreja ofereceu um chá de homenagem e gratidão à sua Ex.^{ma} Professora, D. Adelaide de Carvalho que com tanto carinho, competência e dedicação tem dirigido esse ramo de actividade.

Também no dia anterior foi, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Fernanda Pires, oferecido um chá aos alunos dos cursos de Francês e Inglês que funcionam na Liga de E. C.

União Port. de Esforço Cristão (U. P. E. C.)

Reuniu, pela 3.^a vez, no dia 27 de Julho a Direcção da União Portuguesa de Esforço Cristão tendo, entre outros assuntos de interesse, deliberado realizar no dia 24 de

Outubro próximo, uma Reunião Magna na A. C. M. à qual presidirá, querendo Deus, o Bispo da Igreja Lusitana D. António F. Fiandor e será orador o Rev. Ireneu Cunha, e promover de 30 de Janeiro a 2 de Fevereiro de 1960 a 1.^a Convenção Nacional de Esforço Cristão com a honrosa presença de alguns delegados do E. C. no estrangeiro, e, ainda uma Excursão composta de todas as Sociedades de E. C. à Figueira da Foz e Serra da Boa Viagem no dia 10 de Junho de 1960. Pensa-se também que nesse dia e nesse lugar os crentes de Lisboa, se encontrem com os do Porto, numa manifestação de unânime regozijo e fraternidade Cristã.

Rev. Goodwin Hudson

Tivemos em Agosto o prazer da visita do Rev. Goodwin Hudson, ministro da Igreja Anglicana e membro da Aliança Evangélica Inglesa. Visitou em Lisboa alguns templos da Igreja Lusitana, e trouxe-nos um filme sobre Billy Graham que foi passado, por iniciativa da Aliança Evangélica Portuguesa, no salão social da Igreja Lisbonense no dia 17 do referido mês.

Interessado no movimento de Reforma nas Igrejas Portuguesa e Espanhola, foi há anos secretário da Sociedade Auxiliadora, de que é membro ainda hoje.

De Portugal partiu para Espanha onde igualmente visitou alguns templos da Igreja Espanhola Reformada Episcopal.

Rev. D. Manuel Velasquez

O Rev. D. Manuel Velasquez, pároco da Igreja de S. Basílio, Sevilha, acaba também de nos visitar, acompanhado de sua esposa, com grande alegria dos membros da Igreja Lusitana que muito anseavam pela visita de ministros da Igreja Espanhola Reformada Episcopal.

Esteve presente em alguns cultos no domingo 9 de Agosto e pregou na Igreja de S. Mateus, Vila Franca de Xira, e na sua missão de S. João Baptista, do Carregado.

A sua pregação cheia de sinceridade e espiritualidade muito agradou aos que tiveram o prazer de o ouvir.

Desejamos ao Rev. Velasquez as maiores bênçãos de Deus no seu trabalho que sabemos ser de dedicação e ardor pela obra da Igreja.

Tão rara é entre nós uma perversidade descomunal como uma virtude eminente.

Santo Agostinho

* * *

A honra nunca se ofende impunemente: nunca existe por metade; inteira é forte, ferida está morta.

Mantegazza

* * *

A juventude é o tempo de estudar a sabedoria, assim como a velhice é o tempo de praticá-la.

J. J. Rousseau

Calendário Eclesiástico

Setembro

- 20 — 17.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 216. Cor lit.: Verde, de manhã e encarnado para o Ofício vespertino.
- 21 — Dia de S. Mateus Apóstolo e Evangelista. Liv. Or. pág. 264. Cor lit.: Encarnado.
- 27 — 18.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 217. Cor lit.: Verde.
- 29 — Dia de S. Miguel e de todos os Anjos. Liv. de Or. pág. 265. Cor lit.: Branco.

Outubro

- 4 — 19.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 219. Cor lit.: Verde.
- 11 — 20.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 221. Cor lit.: Verde.
- 18 — Dia de S. Lucas Evangelista. Liv. de Or. pág. 267. Cor lit.: Encarnado. (21.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 223).
- 25 — 22.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 225. Cor lit.: Verde.
- 28 — Dia de S. Simão e S. Judas Apóstolos. Liv. Or. pág. 269. Cor lit.: Encarnado.

Novembro

- 1 — Dia de Todos os Santos. Liv. Or. pág. 271. Cor lit.: Branco. (23.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 227).
- 8 — 24.º Domingo depois da Trindade. Liv. de Or. pág. 229. Cor lit.: Verde.
- 15 — 25.º Domingo depois da Trindade. (Colecta, Ep. e Evang. do 6.º Domingo depois da Epifania. Liv. de Or. pág. 127). Cor lit.: Verde.
- 22 — Domingo anterior ao Advento. Liv. de Or. pág. 231. Cor lit.: Verde.
- 29 — 1.º Domingo do Advento. Liv. de Or. pág. 102. Cor lit. Roxo.
- 30 — Dia de Santo André Apóstolo. Liv. de Or. pág. 233. Cor lit.: Encarnado.

Sermões de 5 minutos

E procurava ver quem era Jesus (S. Lucas 19: 3).

A Paz de Deus seja convosco.

Jericó, a pequena cidade da Palestina a 23 quilómetros de Jerusalém, situada à beira dum afluente do rio Jordão, foi um dia alvoroçada com a notícia da visita de Nosso Senhor Jesus Cristo. Zaqueu, o rico e malquisto publicano, sente grande alegria porque o seu desejo de ver Jesus ia, finalmente, ser realizado. O povo juntava-se nas ruas da cidade, formando compacta multidão. Por ser de pequena estatura e para ver melhor Jesus, Zaqueu imita os garotos da rua, em dias de festa, subindo a uma árvore. O povo, para quem Zaqueu não era «persona grata» ri-se e zomba dele pelo ridículo a que se submeteu. Zaqueu nada vê nem ouve, tão absorvido está com a pessoa de Jesus. Quantos, como ele, desejaram ver Jesus e não descansaram até que o conseguiram! Nicodemos, o ilustre fariseu o procurou de noite para não ser censurado pelos colegas do sinédrio. Zaqueu foi mais corajoso porque arrostou com o escárnio do povo com heróica indiferença! O seu gesto não traduzia tanto a curiosidade como a ânsia de consolar a sua alma tão vasia de tranquilidade, de simpatia e carinho. A mesma ânsia de bem estar espiritual tem despertado em muitas almas o desejo de conhecer Jesus e as tem atraído à tarefa de o procurar! E quantas o têm procurado em vão! Têm andado de Igreja em Igreja, sem terem a dita de em nenhuma o encontrarem. Bernard Shaw, o famoso escritor inglês, no seu livro «Uma Negrinha à procura de Deus» descreve as aventuras desta jovem rapariga, pelo interior das florestas da África, em busca de Deus. Ela sustenta controvérsias com pessoas novas e velhas e de todas as classes intelectuais, sem que qualquer delas lhe mostre Deus, porque nenhuma lhe falou de Jesus — o único meio de acesso ao Pai (S. João 14-16). Em certo momento, aparece-lhe um pescador com uma catedral às costas.

— A igreja está edificada sobre mim, dizia ele, dançando e fazendo tocar os sinos da catedral. A pequena, admirada da sua força, não tardou a saber que a catedral era de papel. Logo, aparecem outros homens carregados, cada um, com uma igreja de papel, mais pequenas e diferentes e umas mais feias do que outras.

— Não acredites no pescador: diziam eles. A minha igreja é que é a verdadeira e atiravam pedras uns aos outros. Como tinham má pontaria, porque eram cegos, as pedras choviam em várias direcções. A rapariga retirou-se, convencida de que nem entre eles acharia Deus. Quando li este pormenor do livro, fiquei a pensar! Nosso Senhor Jesus Cristo só pode ser encontrado na Igreja que Ele fundou e da qual fazem parte almas fiéis, crentes e consagradas como a de Pedro o pescador da Galileia. A Igreja sem Jesus não é igreja; é ajuntamento sem aconchego nem conforto. A igreja sem Jesus é igreja de papel à qual falta o amor. A igreja onde Jesus se pode encontrar é aquela cujos membros têm de descer, não dum árvore para o ver, como Zaqueu, mas dos seus preconceitos, do egoísmo e exagerada opinião de si mesmos; é aquela que segue o seu exemplo de amor e perdão; que exerce a caridade e espalha a luz; aquela onde os pecadores arrependidos, como Zaqueu e Maria Madalena, encontram, mediante a fé em Jesus, gozo e paz espiritual. Os bens de Zaqueu, adquiridos ilicitamente, foram restituídos aos lesados quadruplicadamente, e do remanescente, metade posto à disposição dos pobres, só porque Jesus lhe falou, lhe deu atenção, e entrou em sua casa! A história de Zaqueu diz-nos que todo o homem é portador do facho da fé que o guia na senda da felicidade, se o fogo que Jesus veio trazer à terra o acender (S. Lucas 12-49). Nosso Senhor Jesus Cristo não entrou só em casa de Zaqueu; entrou também no seu coração o que constitui o segredo da sua grande mudança. Quem uma vez encontra Jesus, já não o pode perder.

S. Paulo diz que os crentes são o templo onde Deus habita (I Cor. 6-19). A Igreja verdadeira é, por-

AOS JOVENS DA IGREJA LUSITANA

Sob esta epígrafe, em «Notas e Comentários», convidámos no número anterior os jovens da Igreja Lusitana a escrever algo de sua justiça, sobre as razões de ser desta Igreja, e qual o seu papel no Evangelismo da nossa Pátria, quais as suas peculiaridades, qual o seu sentido largo, liberal e ecuménico.

Sabemos da existência nas nossas fileiras dum plêiada de jovens que se têm distinguido pela sua cultura, pela sua projecção no meio intelectual universitário.

Confessamos que esperávamos a sua pronta cooperação. Pensávamos na verdade poder inserir neste número algumas notas originais que fossem nossa inspiração.

Porém apenas recebemos duas cartas sobre este assunto, que não eram positivamente de jovens, mas que não deixamos de agradecer. É até mais. Pedimos aos seus autores que completadas as suas notas, no-las enviem até ao fim do ano para que as possamos publicar.

Como vemos, o limite de idade foi posto de parte e o prazo da entrega estendido até ao fim do ano.

As respostas continuam a não dever exceder as 1000 palavras.

Actividades Episcopais

(Continuação da 1.ª pág.)

Além da Igreja de S. João Evangelista onde tem pregado a convite do pároco, teve também a Igreja do Salvador do Mundo e a Igreja do Redentor a honra da sua visita e de suas mensagens respectivamente em 7 e 28 de Junho.

tanto, aquela que é formada por seres que acharam Jesus, e cujo prazer consiste em fazer a Sua vontade e amarem-se uns aos outros como Ele os amou (S. João 15-12).